

Sobre o discreto e eterno charme

Roberto Menescal e Carlos Lyra comentam o documentário de Paulo Thiago sobre a bossa nova

Hugo Sukman

Dolores Duran mal completara 29 anos quando, na casa de Tom Jobim, ouviu o compositor tocar, ao piano, a música mais bonita do mundo. Era mais uma das dele e de Vinícius de Moraes, o premiado poeta e diplomata, já então respeitadíssimo no alto de seus 44 anos. Vinícius batizara a canção pomposamente de "Castelo de amor". Sem ligar para os "ahs" e "ohs" à sua volta, a arreanta Dolores lascou: — Tom, a música é linda mas a letra não é essa não... Bem, depois dessa, só restou a Dolores fazer outra letra, e a Tom rebatizar sua canção de "Por causa de você", destinada a clássico da música mundial. — Essa ousadia e falta de cerimônia da Dolores é a cara da bossa nova — acha hoje o então jovencilíssimo Roberto Menescal, testemunha ocular da história acontecida numa tarde de 1959 e que mostra não só o ímpeto juvenil do que seria a bossa nova mas como o influente Vinícius aprenderia com os mais jovens a rejuvenescer sua própria poesia.

Filme traz muitas histórias sobre a bossa nova

Essa história de Dolores não está em "Coisa mais linda", documentário de Paulo Thiago sobre a bossa nova que entra nos cinemas amanhã. Mas poderia estar, o documentário é repleto de histórias assim sobre a música carioca que revolucionou a música mundial na virada dos anos 50 para os 60.

O filme é conduzido por Menescal e Carlos Lyra, que andam pelo Rio mostrando onde e como as coisas aconteceram: a boate do Hotel Plaza, onde tudo quanto é músico moderno ia aprender os acordes harmônicos de Johnny Alf; o apartamento de Nara Leão, onde os jovens músicos se reuniam na vista típica da bossa nova (diante do mar de Copacabana); a pedra do Arpoador diante da Ipanema que a bossa nova tanto cantou e assim por diante.



CARLOS LYRA, ao lado do diretor Paulo Thiago e de Roberto Menescal, afirma: "A bossa nova é o discreto charme da burguesia, à brasileira"

— Nada dura 50 anos, como a bossa nova, sem um aspecto econômico e social forte por trás — conceitua Lyra. — E o filme é feliz em mostrar esse contexto: a bossa nova é fruto da Zona Sul do Rio, daquele ambiente que conquistou o mundo por achar gente parecida com ela em tudo quanto é canto, primeiro em São Paulo depois até no Japão. Para conquistar o povão é difícil mas a burguesia do mundo inteiro se encanta até hoje. A bossa nova é o discreto charme da burguesia, à brasileira.

O ambiente otimista no qual a bossa nova nasceu e principalmente o ímpeto jovem que a carregou são os principais assuntos do filme.

— Foi um movimento jovem que consolidou todas as influências e as coisas novas. A bossa nova é basicamente uma inovação harmônica, que reflete uma modernização da vida brasileira — conceitua o diretor Paulo Thiago.

Ele mesmo é um filho da bossa nova, que estudou violão com Menescal, compôs seus

sambinhas (como "Queixa" e "Missão", parcerias com Sidney Miller) e até hoje toca ("Mecanicamente", avisa "Corcovado" de Jobim com todas as suas dificuldades harmônicas).

— Os garotos da bossa nova trouxeram a influência dos impressionistas franceses Ravel, Debussy; do jazz branco; dos mais ousados músicos brasileiros do passado como Custódio Mesquita e Ary Barros; da letra coloquial. Foi uma revolução harmônica que precisou de uma nova batida, trazida por João Gilberto. Ai Vinícius e Tom entraram com toda aquela cultura deles e o contexto estava pronto — diz.

O filme que Paulo Thiago fez a partir dessa reflexão tem duas partes que se entrelaçam entre números musicais e imagens de arquivo: uma com as deliciosas histórias, outra de História com agê malfésculo, mais teórica, composta de depoimentos entre os quais o do jornalista Artur da Távola que define a bossa nova como "último suspiro do modernismo brasileiro". O modernismo, refletido

por exemplo na depuração coloquial de uma letra de Dolores Duran ("Ah você tá vendendo/Do jeito que eu fiquei e que tudo ficou"), é, para seus artífices, formal e de conteúdo.

— O jazz é prolixo, tem às vezes quatro acordes por compasso. A bossa nova enxuga — exemplifica Lyra.

— O Ronaldo Böscoli (*letrista e ideólogo da bossa nova*) antes de morrer me disse que tinha uma mágoa: não ter tido os instrumentos de marketing moderno para trabalhar a bossa nova. Se tivesse, ela seria até maior — acha Menescal, revelando outro aspecto moderno da bossa nova, a noção de marketing.

Carlos Lyra lança amanhã seu primeiro DVD

Menescal e Lyra não deixam de se espantar com o fato de viverem da bossa nova até hoje — Lyra, por exemplo, lança seu primeiro DVD com todos aqueles clássicos da BN ("Minha namorada", "Primavera", "Você e eu") com shows amanhã e sábado no Mistura Fina — embora ambos tenham evo-

luído musicalmente.

O ambiente otimista da bossa nova pode ser resumido, no filme, pela história de um clássico da bossa nova, "O barquinho" (Menescal e Böscoli). A música nasceu depois que o barco onde estavam os autores quase realmente naufragou na costa de Cabo Frio.

— Qualquer pessoa gostaria de esquecer uma história dessas. Menescal e Böscoli fizeram uma música celebrando o mar — diz Paulo Thiago.

Outra história significativa da importância da bossa nova, lembra Menescal, é a dos músicos americanos de jazz consagrados que nos anos 60 quiseram aprender, como se fossem jovens estudantes. No filme, em preciosa cena de arquivo, Gerry Mulligan humildemente tenta aprender a tocar "Samba de uma nota só" com um paciente Tom Jobim ao piano. Que, caricamente elegante como no episódio de Dolores Duran, consolou o grande saxofonista americano:

— É, eu também tenho dificuldade em tocar jazz... ■

BNDES destina R\$ 22 milhões para o cinema

Inscrições de projetos já estão abertas, até o dia 30 de setembro

Jaime Blaggio

O BNDES abriu ontem inscrições para a seleção de projetos de filmes de longa-metragem que pleiteiem o apoio financeiro do banco. E abriu com um belo chamariz: em entrevista coletiva na sede do banco, juntamente com o ministro da Cultura, Gilberto Gil, o secretário nacional do Audiovisual, Orlando Senna, e o presidente da Ancine, Gustavo Dahl, o presidente do BNDES, Guido Mantega, anunciou que o investimento vai ser consideravelmente maior do que em 2004. As inscrições vão até 30 de setembro, no website do banco.

De R\$ 15 milhões destinados ao cinema ano passado, pulou-se para R\$ 22 milhões este ano. O valor-limite de investimento por projeto também aumentou. De até R\$ 500 mil para apoio à produção, o banco subiu o patamar para R\$ 1,5 milhão.

— Muitas vezes o produtor que tinha acesso à verba do BNDES não conseguia concluir o filme, por não conseguir terminar a captação — justificou Mantega, que espera que a medida diminua o tempo que os projetos levam para chegar ao público (29 projetos apoiados pelo banco em anos anteriores continuam em captação).

Profissionais de cinema na comissão de seleção

Também haverá apoio específico à finalização de longas-metragens, aí sim no valor máximo de R\$ 500 mil.

— É o que chamamos de fomento regulador — disse Gustavo Dahl. — Uma dinamização do investimento já feito (no entanto, projetos já apoiados pelo BNDES não podem pleitear verba de finalização).

Também foram anunciadas modificações no processo de seleção, a principal delas sendo a composição da comissão que escolhe os projetos. Antes formada por quadros do banco, ela agora será majoritariamente composta por pessoas do ramo cinematográfico. ■

Bastão do sucesso passado de atriz para atriz

'O divã', de Lília Cabral, deixa Shopping da Gávea, e Mônica Martelli estreia seu monólogo

Roberta Oliveira

Assim que chega, Mônica Martelli dispara: — Será que aqui a peça vai continuar fazendo o mesmo sucesso?

A pergunta é dirigida a Lília Cabral, que não tem dúvidas: — Claro.

O "aquí" é o Shopping da Gávea. Foi por lá, no Teatro das Artes, que, depois de uma já bem-sucedida temporada na Laura Alvim, Lília transformou a peça "Divã" no maior sucesso de público de 2005, tendo sido vista por mais de 55 mil pessoas. Agora que está indo para São Paulo, a atriz passa o bastão do sucesso para Mônica, que estreia hoje, no Teatro Vannucci, o seu monólogo "Os homens são de Marte... e é pra lá que eu vou". Se o público lotar o teatro do shopping como fez com o Candido Mendes — foram 17 mil pessoas em quatro meses — "Os homens são de Marte..." tem boas chances de ocupar o posto de "Divã". — Mas nunca se sabe. Daí meu medo — explica Mônica.

Atrizes continuam sentindo frio na barriga

Apesar do tempo, Mônica



LÍLIA CABRAL dá flores para Mônica Martelli, que reestrea "Os homens são de Marte..."

degrau — aconselha Lília. — No dia 22 de setembro, estroio em São Paulo, minha terra, e nem por isso estou tranqüila.

— O ideal é ter sempre

que teríamos público porque "Divã", o livro de Martha Medeiros, tinha sido um sucesso e a estréia de uma peça inspirada nela geraria um burburinho. — Lília também se

ótimo — acrescenta Mônica.

— Não há mau humor que um sucesso não cure — acrescenta Lília. — No outro dia, briguei com a minha empregada de casa e ela me deu um

parou mais de encher — lembra a atriz. — No primeiro dia, a produtora me mostrou o cartaz de "lotação esgotada" e eu disse que ela estava louca. Três semanas depois, dei o braço a torcer, porque passamos a usar o cartaz e abrimos sessão extra.

A lista de prazeres que um espetáculo gera parece infundável: — Olhar para a platéia e ver que tem gente que já assistiu à peça quatro ou cinco vezes é realidade de lado para entrar na fantasia — emocionosa-se.

Nem Lília, nem Mônica acreditam que exista uma fórmula do sucesso. Mas não deixam de dar algumas dicas.

— Saber contar uma boa história é indispensável — aconselha Lília. — Se não tem uma história, o público nem sai de casa.

— Uma peça faz sucesso quando toca os espectadores, quando faz com que eles saiam diferentes de como entraram — completa Mônica.

Duas comédias sobre a dificuldade das relações Coincidência, ou não, ambas estão fazendo comédias.

— Quando eu era jovem, vinha ao Rio para assistir aos espetáculos do Teatro dos Quatro, todos dramas, mas hoje acho que o perfil mudou, as pessoas querem se divertir — avalia Lília. — Há um risco grande em pôr em cena um clássico com dez atores, mas é um momento, vai passar.

E comédias que tratam do mesmo assunto: as relações humanas, especialmente as amorosas. Lília vive uma mulher de 40 anos que ao entrar pela primeira vez no consultório de um psiquiatra, está se

Prêmio literário anuncia seus dez autores finalistas

Manoel de Barros, Síviano e Nêurmanne estão entre os escolhidos

Foram anunciados ontem os dez finalistas do Prêmio Portugal Telecom de Literatura Brasileira. O júri selecionou seis romances, três obras de contos e uma de poesia. Entre os nomes escolhidos, há desde o consagrado poeta Manoel de Barros, com "Poemas rupestres", a outros menos conhecidos do grande público, como Amílcar Bettega Barbosa, com os contos de "Os lados do círculo". Somando as quantias recebidas pelos três vencedores — R\$ 100 mil para o primeiro colocado; R\$ 35 mil para o segundo e R\$ 15 mil para o terceiro — o Portugal Telecom é o concurso literário nacional de mais alto valor.

Os outros oito finalistas são: Cíntia Moscovich ("Arquitetura do arco-íris", contos); Cristóvão Tezza ("O fotógrafo", romance); Edgard Telles Ribeiro ("Histórias mirabolantes de amores clandestinos", contos); Francisco J. C. Dantas ("Sob o peso das sombras", romance); José Neumanne Pinto ("O silêncio do delator", romance); Michel Laub ("Longe da água", romance); Rodolfo Liguori ("Vida de Deus",

pretere a dúvida. Ter certeza de que se tem um espetáculo de sucesso nas mãos, é tanto para Lília quanto para Mônica, um erro em que nenhum ator deve incorrer. Nunca.

— Não se pode entrar em cena achando que já se está abafando, que o público já está nas mãos, porque se corre o risco de tropeçar no primeiro

aquela moizinho no estomago

— acrescenta Mônica.

E olha que as duas atrizes já conhecem o potencial das peças há meses. Foi já na segunda semana de "Divã" que Lília descobriu que estava fazendo um espetáculo de sucesso.

— Nunca pensamos em fracasso quando estreamos. Mas, nos primeiros dias, sabíamos

mo — lembra a atriz. — mas a

partir da semana seguinte, quando os ingressos começaram a se esgotar com dias de antecedência, vimos que era a peça que chamava a atenção. Mônica demorou um pouco mais para ter certeza de que estava no caminho certo.

— Na terceira semana saíram as críticas e o teatro não

ua e sai de casa revonava, mas foi só entrar no elevador, uma senhora dizer que tinha assistido à peça e tinha adorado, para que tudo passasse. Mônica vai mais além.

— Meu pai está na UTI há um mês. Os melhores momentos da minha vida desde então acontecem quando estou em cena, é como se deixasse a

rio de um anabista reve sua vida; Mônica interpreta uma mulher na faixa dos 30 na busca incessante do homem amado.

— Tematicamente, as duas peças fazem sucesso porque vivemos um momento de desilusão amorosa, as pessoas querem entender como podem encontrar o amor e mantê-lo — avalia Mônica. ■

urigo Lacerda (vista ao lado, romance) e Silvano Santiago ("O falso mentiroso", romance). Dos dez nomes selecionados, seis estavam entre os 14 finalistas do Zaffari & Bourbon, conquistado por Chico Buarque. Os três vencedores do Portugal Telecom serão conhecidos numa cerimônia realizada no dia 28 de novembro na Sala São Paulo. ■